

GILDÁSIO MENDES DOS SANTOS

DOM BOSCO E A REALIDADE VIRTUAL



editora
edebê

**DOM BOSCO E A
REALIDADE VIRTUAL**

GILDÁSIO MENDES DOS SANTOS

DOM BOSCO E A
REALIDADE VIRTUAL

Tradução
José Antenor Velho

editora
edebê

2023

Dados internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)

S237d Santos, Gildásio Mendes dos.
Dom Bosco e a realidade virtual/ Gildásio Mendes dos Santos; Tradução de José Antenor Velho - Brasília: Edebê Brasil, 2023.
87p.

Título Original: Don Bosco e la realtà digitale, ELLEDICI, 2023.
ISBN 978-65-5885-494-4 (Impresso)
978-65-5885-493-7 (Digital)

1. Religião. 2. Espiritualidade. I. Velho, José Antenor. II. Título.

CDU 2

(Mayara Cristovão da Silva / CRB 2812 / Brasília, DF, Brasil)

Diretor-geral: P. Nivaldo Luiz Pessinatti

Coordenadora editorial: Giovanna Farago

Tradutor: José Antenor Velho

Editora de texto: Pamella Oliveira

Editora-assistente de texto: Mariana Fernandes dos Santos

Revisora do original italiano: Margherita Ferro

Revisora do texto em língua portuguesa: Zeneida Cereja da Silva

Supervisor de produção editorial: Anderson B. de Figueiredo

Diagramador: Marcílio H. Canuto

Produtor Gráfico: Luciano Sant'ana

Produtor digital: Marcílio H. Canuto

Projeto gráfico e capa: Roberta Braga

© Edebê 2023

Editora Edebê Brasil Ltda.

SHCS CR Quadra 506, Bloco B, Loja 59

Asa Sul – Brasília-DF CEP 70350-525

Site: www.edebe.com.br



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. AS RAÍZES DE UM GRANDE COMUNICADOR	
Dom Bosco e a sua visão da experiência educativa desde a infância.....	10
2. APRENDER A ARTE DE COMUNICAR	
Uma linguagem simples e criativa que chega ao coração	16
3. UMA QUESTÃO DE POSIÇÃO	
A intuição geográfica de Dom Bosco e a sua relação com a realidade digital e virtual.....	18
4. O SONHO	
Uma linguagem no limite entre visão e narrativa	24
5. CRIAR UMA PRESENÇA	
O sistema educativo de Dom Bosco e a inspiração dos seus sonhos.....	31
6. EM NOME DE DEUS	
A coragem de amar e atrair os jovens para a sua família	36
7. DOM BOSCO E A FOTOGRAFIA	
Os primeiros salesianos falam-nos da sua percepção da comunicação	42
8. NARRAR	
Dom Bosco, contador de histórias e narrador da fé	47
9. GENTE DE PALAVRA	
Dom Bosco, a força da palavra e o dom da relação	52

10. UM NOVO <i>HABITAT</i> DA COMUNICAÇÃO	
Dom Bosco, o mundo virtual e a visão do ambiente	60
11. VALDOCCO	
Dom Bosco cria um lugar envolvente e um ambiente amigável	67
12. AS INTERAÇÕES HUMANAS	
Dom Bosco, respeitoso da individualidade e mestre da interatividade	70
13. O ORATÓRIO EM VALDOCCO	
Realidade virtual e experiência imersiva, um novo modo de comunicar.....	76
14. EM DIÁLOGO	
Dom Bosco e a sua visão do diálogo científico, educativo e religioso.....	80
BIBLIOGRAFIA.....	85

APRESENTAÇÃO

Se Dom Bosco vivesse em nossos dias, seria certamente o santo patrono das mídias sociais. A sua empatia e o modo de interagir com os jovens fizeram dele um dos maiores comunicadores de todos os tempos.

Padre Gildásio Mendes propõe-se a recuperar as intuições comunicativas de Dom Bosco e trazê-las para os nossos dias. A inteligência artificial, o *machine learning*, a velocidade das informações são oportunidades enormes, mas, ao mesmo tempo, apresentam desafios insidiosos. São realidades que precisam de uma chave de interpretação, se não quisermos que a tecnologia substitua as relações humanas, que o meio ultrapasse a mensagem, que o digital nos faça esquecer o motivo pelo qual gostamos de usá-lo: facilitar as relações entre as pessoas, anular as distâncias, criar comunidade.

Um exemplo entre muitos é o metaverso. Um espaço onde se imergir, que nos permite viajar na história, concluir contratos comerciais, visitar parentes e amigos distantes. As distâncias são anuladas e as ocasiões de comunicação interpessoal tornam-se infinitas. O risco, porém, de tanta comunicação, é o de realmente não comunicar. «Água, água por todos os lados / E nem uma gota para beber», escrevia Samuel Taylor Coleridge em a *Balada do velho marinheiro*.

A lição de Dom Bosco pode ser um antídoto para essa frustração. Inspirando-se nos seus ensinamentos, a comunicação digital abre-se a duas dimensões fundamentais: a arte e a relação humana. Duas dimensões vividas por Dom Bosco, quer na espiritualidade, quer na pedagogia. Dessa experiência nasce a sua criatividade e o poder inovador do seu modo pessoal e institucional de comunicar.

A dimensão artística está presente nele desde a infância. Nas *Memórias do Oratório*, Dom Bosco narra que a sua experiência educativa cresce através das atividades lúdicas e da música.

A dimensão interpessoal está na base do seu modelo educativo, que cresce onde há empatia e relações. Dom Bosco cria um sistema, quase um *ecossistema*, fundado na interação entre os seres humanos.

Para os salesianos, os membros da Família Salesiana e os leigos educadores, a intuição e a genialidade comunicativa de Dom Bosco representam um ensinamento importantíssimo, para ser capaz de formar os jovens que vivem num mundo em grande transformação social e cultural no tempo do digital.

Como, então, relacionar o tema do digital e a prática educativa de Dom Bosco? Como habitar o mundo digital, educar e evangelizar os jovens, a partir de uma abordagem pastoral atual e inovadora?

Em *Dom Bosco e a realidade virtual*, Gildásio Mendes oferece algumas sugestões, utilizando uma

linguagem simples e de aspectos práticos. Detém-se sobre o modo de Dom Bosco inspirar os jovens e criar com eles uma relação pessoal; sobre Dom Bosco *storyteller* (contador de história, como se diria hoje), protagonista de uma narrativa envolvente; sobre Dom Bosco mestre da interatividade. Um aprofundamento é dedicado ao seu método de estudo da Geografia e à sua aplicação da dimensão espacial na comunicação. Um metaverso, antes ainda da sua invenção!

Mendes inspirou-se em seus estudos Antropologia, Etnografia Digital, Neurociência, Psicologia, Inteligência Múltipla e Inteligência Artificial, baseando-se nos valores de Dom Bosco. Um homem, este, que soube educar os jovens de modo inteligente, realista e criativo, consciente de que a educação oferece à pessoa a possibilidade de ser protagonista da própria vida e corresponsável na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

No contexto atual, a herança de Dom Bosco é um convite a caminhar com os jovens, incentivando a sua capacidade de iniciativa na construção de uma sociedade sustentável, ecológica e solidária. Uma sociedade em que realmente seja possível comunicar-se. Com muita água, mas também com muitas gotas para beber.

1. AS RAÍZES DE UM GRANDE COMUNICADOR

Dom Bosco e a sua visão da experiência educativa desde a infância

Assim como se sabe que as artes e a atividade lúdica tiveram um papel importante e decisivo na vida e na educação de João Bosco menino e jovem, é importante considerar também quanto o tenham influenciado no seu papel de grande comunicador. Acredito, com efeito, que estes elementos importantes do sistema educativo salesiano estejam vivos ainda hoje na vivência social e nos jovens que se servem deles todos os dias através das mídias e das redes sociais.

Uma questão que logo poderia causar-nos curiosidade é como Dom Bosco começou a ocupar-se desses elementos e como as suas capacidades se transformaram em ajuda concreta e abertura ao próximo.

Uma chave necessária para ajudar-nos a responder à questão é ir até a sua infância e, depois, à sua adolescência.

Tendo nascido e vivido nos Becchi, fração de Castelnuovo d’Asti, perto de Turim, sua mãe Margarida reveste, desde a sua tenra idade, um papel fundamental e representa um constante e forte exemplo de vida cristã justamente pela sua profundíssima fé. A fonte

inesgotável da oração, a ligação visceral e afetuosa ao filho torna-se elemento constitutivo do seu desenvolvimento, que se exprime nas artes, na abertura e atenção à escuta amável e no olhar para a infância e a puerícia que marcam muito todo o caminho da vida de um ser humano.

Em sua biografia, numa das passagens conservadas nas *Memórias do Oratório*,¹ Dom Bosco, de maneira muito simples e transparente, descreve o que gostava de fazer e como punha em prática as próprias habilidades no campo da música, das atividades lúdicas, do teatro, da alfaiataria... E fala, igualmente, das suas habilidades nas relações sociais, que o faziam parecer tanto um influenciador atual quanto um líder na sua rede de amizades.

Com muita simplicidade, como uma narrativa, ele descreve como gostava de música e qual era o seu talento no canto.

¹ As presentes citações das *Memórias do Oratório* e das *Memórias Biográficas* não têm a finalidade de aprofundar de modo preciso o estudo sobre as fontes da vida de Dom Bosco. Para um estudo mais profundo, pode-se consultar o texto de A. GIRAUDDO (ed.), *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855. Saggio introduttivo e note storiche*, Roma, LAS 2021, p. 55-65. Este precioso texto foi colocado à disposição de todos na sua absoluta integridade (com algum retoque à linguagem do século 19 para italiano popular de hoje) pelo Padre Teresio BOSCO: SAN GIOVANNI BOSCO, *Memorie*, Torino, Elledici 1985. Para outros temas sobre a história de Dom Bosco, pode-se consultar os diversos estudos feitos pelo Istituto Storico Salesiano, a revista *Ricerche Storiche Salesiane* (LAS) e vários textos do catálogo Elledici.

«Como eu tinha uma voz razoável (Giovanni Roberto, o alfaiate) ensinou-me a música. Em poucos meses pude fazer parte do coro e executar com ele trechos de música sacra» (*Memórias do Oratório*, MO, ed. brasileira, p. 49).

A música e o espetáculo como arte da vida tornam-se testemunho de uma verdadeira escola, em que o indivíduo se prepara para abrir-se a uma viagem interior. Através da música, o jovem João Bosco responde ao seu grande desejo de exprimir-se, de seguir a voz do coração, de dar livremente espaço à imaginação e à criatividade.

No entanto, diante da necessidade de aprender a música, ele percebe logo a importância da disciplina: cantar exige empenho e dedicação, assim como aprender a tocar piano. Ou seja, ele começa a entender que as coisas acontecem gradualmente, que a aprendizagem é o encontro entre paixão interior e disciplina, que a intuição e as regras se unem com o talento e são como passos necessários para aprender algo novo. Essa tomada implícita de consciência educativa foi importante para João Bosco. Desde então, começou a compreender que tudo na vida requer tanto talento e criatividade quanto empenho e treinamento.

Juntamente com a paixão pela música, ele fala também da sua habilidade lúdica e de jogar (brincar?) livremente.

É interessante notar que João Bosco fala da música, dos jogos e do teatro como elementos imprescindíveis do itinerário pessoal de estudo. Quando

descreve de maneira cativante o início e o progresso na disciplina, ele tem consciência da importância de alternar a prática das atividades físicas com as artísticas e espirituais. Ele diz que:

«Junto com meus estudos e entretenimentos diversos como canto, piano, declamação, teatro, aos quais me entregava com grande entusiasmo, havia aprendido também diversos outros jogos. Baralho, bolinhas, malhas, perna de pau, saltos e corrida eram divertimentos muito gostosos nos quais, se não era especialista, não era por certo medíocre» (MO, P. 66).

O grande interesse e a dedicação de Dom Bosco ao lúdico demonstram algo maior do que as suas capacidades e do seu modo de educar.

Escrevendo sobre a importância do lúdico em João Bosco, Padre Arthur J. Lenti, SDB, (2017) diz que:

«Dom Bosco não só reconhecia a utilidade do jogo no tempo livre, como também para o desenvolvimento integral do jovem. Para ele, educar significava ajudar o jovem amadurecer. O jogo é uma atividade necessária aos jovens para atingirem a maturidade. Ajuda-os a sublimar algumas inclinações, a conhecer-se um ao outro através da competição e a reconhecer-se e controlar os próprios impulsos» (A. J. Lenti, *Don Bosco, Storia e Spirito*, vol. 1, p. 99).

Ao aprender a música, a recitação, o canto e os jogos, aprendeu também a exprimir-se livre e autenticamente. Ao se expor ao mistério da música e aos riscos da atividade espontânea, como brincar, correr

e pular, ele adquiriu um senso interior realista e forte do que podia e do que não podia fazer. João Bosco desenvolveu a sensibilidade de dar o melhor de si para atingir uma meta, para obter alguma coisa, motivando-o progressivamente a seguir em frente, a aprender mais, a ser melhor.

De fato, alguns estudos mostram que a maneira como uma pessoa vê a realidade interpretando-a (R. L. Gregory, 1970) ajuda a desenvolver as suas habilidades nos relacionamentos humanos e sociais. As artes, como a música, o teatro e o canto, exigem que os indivíduos revelem o seu verdadeiro eu, especialmente quando se apresentam diante de outras pessoas. São oportunidades de avaliação, apreciação, crítica e elogio. As artes não deixam espaço para dissimulação ou para revelar algo sobre si mesmo que não seja verdadeiro. Se as pessoas afirmam que sabem tocar um instrumento musical, devem ser capazes de tocá-lo, devem mostrar que sabem o que estão fazendo, caso contrário, expõem-se imediatamente às críticas. As artes têm o poder de revelar a expressão mais profunda de uma pessoa, as suas dimensões afetivas, cognitivas e neurológicas (A. Damasio, 1994; H. Gardner, 1993).

As artes e os jogos também permitem que o indivíduo experimente um senso de liberdade dentro de regras. Para aprender a música, por exemplo, é preciso seguir as regras da música, a “matemática” da música; nos jogos, é preciso seguir a sua lógica. Essas são as etapas necessárias exigidas por todas as artes e

esportes. Mas, por meio das artes e dos jogos, os indivíduos também expressam a sua imaginação criativa. As capacidades artísticas de Dom Bosco revelam muito sobre a sua capacidade de comunicação. Pietro Brocardo diz (2005):

«De Dom Bosco podem-se evidenciar a audácia, a coragem e a imaginação criativa» (P. Brocardo, *Don Bosco. Profondamente uomo profondamente santo*, p. 7).

Desenvolvendo a sua férvida imaginação, alinhada com a sua inspiração, a sua disciplina e as regras das várias artes, o pequeno João Bosco iniciou um itinerário valioso para desenvolver-se em outras áreas, como o estudo e as relações humanas.

Na descrição das suas inúmeras habilidades, ele revela uma importante motivação para praticar a música, as artes e os jogos:

«Havia nos Becchi um prado, onde cresciam então algumas árvores, das quais resta ainda uma pereira, que naquele tempo muito me ajudou. Amarrava a essa árvore uma corda, que depois prendia em outra, a alguma distância. Numa mesinha colocava a bolsa; depois estendia um tapete por terra para os saltos. Quando tudo estava preparado e o público ansioso para ver as novidades, convidava-os a rezar o terço, depois do qual se entoava um canto sacro» (MO, p. 39).

2. APRENDER A ARTE DE COMUNICAR

Uma linguagem simples e criativa que
chega ao coração

João Bosco era uma pessoa extrovertida. Gostava de conhecer as pessoas, estabelecer relação com elas, alcançá-las em profundidade, no seu íntimo. Assim, as artes e as atividades lúdicas tornaram-se meios importantes para ter um público afeiçoado e educar os seus amigos.

Desde cedo, ele começou a entender a importância da linguagem para comunicar a mensagem cristã. As artes, para ele, tornaram-se uma verdadeira linguagem de fé. A atividade lúdica tornou-se um método de comunicação; a interação tornou-se uma forma de compartilhar e ensinar alguma coisa. As relações interpessoais, enfim, desempenharam um papel fundamental na comunicação de Dom Bosco.

Em segundo lugar, à medida que João desenvolve relações com os amigos, ele cresce em sua capacidade de conhecer a si mesmo e aos outros, descobre gradualmente como lidar com as opiniões alheias, como persuadir e como levar à autoconsciência; começa a tomar a iniciativa e a aprender com os próprios erros a avaliar os acontecimentos e sentir alegria pelo simples fato de estar em companhia de outros.

Ao se envolver com as artes e as relações, o jovem João Bosco começou a brincar com as palavras, dando-lhes um significado, pondo as palavras em relação com os seus símbolos e desenvolvendo boas capacidades linguísticas. Aprendeu a associar as emoções às palavras. Sua imaginação exprimia-se por meio de atividades artísticas, que colocavam em movimento os seus pensamentos e ideias. Tudo isso fez com que adquirisse a coragem de relacionar-se com os colegas e aceitar o risco do fracasso ao executar bem qualquer atividade artística. Mediante passos progressivos, o jovem Bosco iniciou um longo caminho que o levou a ser um comunicador original e autêntico.

Dessa forma, João Bosco aprendeu a verdadeira arte, a da comunicação. Ele logo percebeu que o domínio da linguagem era a chave mais importante para comunicar-se. Por isso colocava o coração em cada palavra, e experimentava um sentido de beleza e alegria no ato de comunicar-se. Foi guiado pela visão de um mistério que se tornou sua inspiração interior.

No mundo digital, esses aspectos são essenciais, e os jovens sempre têm isso em mente.

3. UMA QUESTÃO DE POSIÇÃO

A intuição geográfica de Dom Bosco e a sua relação com a realidade digital e virtual

Qual a sua localização? Onde se encontra? Como se chega até aí?

Hoje, todos nós fazemos essas perguntas. Todos nós conhecemos o GPS e o Google Maps, ou aplicativos como Waze, Glympse e outros que nos ajudam a encontrar o caminho para praticamente qualquer lugar. Qual é o objetivo desses aplicativos? Permitir que compartilhem de forma rápida e fácil as nossas localizações de GPS com amigos e colegas.

O que está por trás do *design*, da lógica digital e da conexão de todos esses aplicativos? O conceito de Geografia. Em particular, o chamado sistema de informações geográficas (GIS, segundo a sigla em inglês). O GIS é uma estrutura que nos permite captar e analisar dados espaciais e geográficos. Usando ferramentas de computador, podemos, por exemplo, pesquisar, armazenar e editar dados espaciais e não espaciais, otimizar e compartilhar informações em formato de mapa.

Este capítulo não tem, certamente, a intenção de aprofundar conceitos muito complexos, mas o

exemplo extraído da tecnologia GPS pode relacionar-se com algumas intuições especiais de Dom Bosco sobre os modelos atuais de comunicação.

Concentremos a nossa atenção na palavra “mapa”. Os mapas têm a ver com a Geografia, e é o que mais nos interessa agora. A ideia central, tomando como exemplo a tecnologia GPS, é que a Geografia está por trás da tecnologia digital, dos sistemas e dos satélites. Se tomarmos três termos desses conceitos complexos, Geografia, mapas e dados espaciais, veremos que os mapas fornecem uma estrutura para projetar e criar sistemas informáticos e analisar dados. A Geografia realmente depende da tecnologia digital e virtual.

Podemos passar agora a Dom Bosco.

De início, para aplicar os conceitos de Cartografia e Geografia à visão de comunicação de Dom Bosco, precisamos colocar-nos duas questões essenciais: Dom Bosco interessava-se pela Geografia? E, em caso afirmativo, qual a influência da Geografia em sua compreensão da comunicação?

Em uma passagem das *Memórias Biográficas de Dom Bosco*, o seu biógrafo diz que:

«Com seus conhecimentos de Geografia, ele [Dom Bosco] garantiu uma esplêndida posição social ao jovem Marchisio, aluno do Oratório. Em julho de 1863, fora publicado em Turim um mapa geral da Itália, contendo a indicação de todas as agências postais, das rotas comuns, ferroviárias e marítimas pelas quais elas se comunicam entre si, elaborado para uso das agências postais pelo

Correio Geral do Reino. O cronograma das comunicações postais era seguido por outros oito mapas geográficos, que incluíam todas as províncias do reino. Estes vários mapas e suas indicações foram o resultado de muitos anos de trabalho paciente de Marchisio. Dom Bosco aconselhara-o a iniciar esse trabalho e incentivou-o a completá-lo. Marchisio ia frequentemente a Valdocco para desenhar os seus mapas sob a supervisão de Dom Bosco. Sua recompensa foi que a Gerência dos Correios, a quem foram apresentados, aceitou-os, aprovou-os, imprimiu-os, declarou-os uma edição oficial e, mais tarde, conferiu ao autor o cargo de Diretor General em Roma» (G. B. Lemoyne, *Memórias Biográficas*, vol. 7, p. 196).

Surpreendentemente, esta passagem revela-nos três informações importantes sobre Dom Bosco e o seu interesse pela Geografia. Primeiramente, Dom Bosco tinha conhecimento de Geografia; em segundo lugar, conhecia Marchisio, especialista em Cartografia em Turim, e, em terceiro lugar, Dom Bosco apoiava Marchisio na elaboração dos mapas.

Quanto à primeira informação: é acertado que Dom Bosco tinha noções muito boas de Geografia e se interessava muito por ela. Mas também temos outras informações sobre esse interesse.

Segundo as *Memórias Biográficas*, em uma tarde de 1883, o P. Filipe Rinaldi entrou no escritório de Dom Bosco em Turim para uma conversa informal e surpreendeu-se ao ver Dom Bosco com um globo terrestre sobre a mesa e o olhar perdido na distante

imensidão dos lugares do globo, enquanto com uma das mãos acariciava o mapa do Brasil.

O Padre Júlio Barberis, que escreveu as crônicas de Dom Bosco, testemunhou o interesse do santo pelos mapas.

«Levei dois mapas, um da Patagônia e outro da América (do Sul). Começamos a estudar a Geografia [da Patagônia] detalhadamente. Passamos muito tempo estudando suas características, como os golfos, o estreito de Magalhães e o contorno das ilhas» (ASC A001 *Cronichette* G. Barberis, citado por Lenti, vol. 3, p. 226).

É evidente que Dom Bosco tinha um grande interesse pela Geografia, certamente motivado, sobretudo, pela sua preocupação com a espiritualidade, a educação, a expansão da Congregação Salesiana e as Missões. Portanto, o seu interesse pela Geografia e pelos mapas estava plenamente inserido no âmbito da sua missão: «*Da mihi animas, caetera tolle!*».

Todavia, continuemos a considerar essa ideia do ponto de vista da comunicação. Podemos dizer que, por trás dela, está o seu interesse pela Geografia, relacionado certamente ao que podemos definir como imaginação espacial. Ao falarmos de imaginação espacial, não estamos abordando apenas os aspectos técnicos da geometria da Geografia, não estamos apenas nos concentrando no desenho dos mapas. Estamos dizendo muito mais do que isso. Queremos enfatizar que o ponto fundamental para entender a imaginação geográfica de Dom Bosco é que ela é inerente à sua

inteligência cognitiva/afetiva e é uma expressão da sua criatividade e imaginação interior.

A imaginação espacial de Dom Bosco enraíza-se em sua imaginação criativa, é uma expressão do seu desejo, da sua profunda fé e espiritualidade, do seu sonho de fundar a Congregação Salesiana e de chegar a outros países para evangelizar.

A imaginação espacial de Dom Bosco desenvolveu-se em família, por meio dos seus estudos e do seu interesse pelas artes, em sua visão como educador e por meio da sua maneira de projetar o seu sistema educativo, a sua maneira de sonhar e a sua capacidade de planejar e realizar a fundação da Congregação Salesiana e depois projetá-la em escala mundial.

Um dos estudos científicos mais profundos sobre a imaginação espacial foi realizado por Philip J. Gersmehl e Carol A. Gersmehl (2007). Em seu artigo intitulado *Spatial Thinking by Young Children: Neurological Evidence for Early Development and “Educability”* (Pensamento espacial nas crianças pequenas: provas neurológicas para o desenvolvimento precoce e a “educabilidade”), temos uma descrição coerente do que eles definem como oito modos distintos do pensamento espacial. O que os dois autores basicamente argumentam é que todos nós aprendemos por meio de tudo o que é geograficamente projetado (natureza, casas, edifícios, tráfego, artes, objetos, símbolos, rituais...). Com outras palavras, damos sentido às coisas por meio da relação entre os objetos,

como eles são colocados nos espaços, como os organizamos com ordem e em série e como catalogamos as realidades materiais e, da mesma forma, até mesmo como nos vemos e concebemos as nossas relações com os outros.

4. O SONHO

Uma linguagem no limite entre visão
e narrativa

Uma análise dos sonhos de Dom Bosco sob a perspectiva da imaginação espacial mostra que ele sempre oferece uma visão espacial daquilo que sonha. É evidente que os sonhos de Dom Bosco devem ser vistos segundo o dom da graça de Deus na sua vida e na predileção divina em seu caminho de santidade.

Dom Bosco usava os sonhos como uma espécie de enciclopédia da comunicação. Cada sonho possui um roteiro real: cores, movimentos, ritmos, contrastes, mobilidade e mensagem. Os sonhos contêm uma gramática explícita da imaginação espacial e da grande interioridade de Dom Bosco (A. Bozzolo, 2017). Ele se comunica por meio de sonhos, imagens, metáforas e simbolismo onírico.

Cada uma das suas narrativas oníricas exprime uma geometria educativa, uma simetria dos espaços educativos, uma geopolítica da expansão da Congregação Salesiana, um ponto de vista espacial das relações educativas. A arquitetura educativa de Dom Bosco é reveladora da sua imaginação como educador e fundador.

Em um dos seus sonhos missionários, Dom Bosco afirma:

«Depois de percorrer uma distância muito longa, o trem parou diante de uma cidade de dimensões consideráveis, talvez no paralelo 47, onde no início do sonho eu vira o grande nó da corda. Na estação, não havia ninguém esperando por mim. Desci do trem e imediatamente encontrei os salesianos. Vi muitas casas com muitas pessoas dentro, e mais igrejas, escolas, vários internatos para crianças e jovens, aprendizes e curtidores de couro, e uma escola para meninas que ensinava várias artes domésticas. Os nossos missionários cuidavam tanto de jovens quanto de adultos» (MB XVI, p. 310).

No sonho das catorze mesas (MB VI, p. 708-709), Dom Bosco afirma:

«Vi os meus jovens num maravilhoso jardim, sentados em catorze longas mesas dispostas em forma de anfiteatro em três níveis de terraços. As mesas mais distantes eram tão altas que mal podiam ser vistas».

Nesse sonho, de proporções geométricas, Dom Bosco define o cenário em termos métricos e simétricos. Ele usa a matemática e a geometria para dar um senso de dimensão àquilo que narra.

Como se desenhasse um “projeto de engenharia para o sonho”, ele descreve os espaços dimensionais em termos de medidas: a forma de anfiteatro, a disposição das mesas divididas em três níveis de terraços, de modo que o cenário desenhado em formas geométricas seja lógico, coerente. Desse ambiente geométrico com significado lógico surge a mensagem educativa. Muitas vezes, o desenho geométrico que o tema inspira torna-se a mensagem. Ele não precisa

de palavras porque a geometria do sonho fala pela sua coerência estrutural; porque a estética de toda essa geometria é a mensagem educativa.

Dom Bosco nunca foi às Américas, mas tinha em sua mente o mapeamento geográfico da Patagônia. Lia, estudava, desenhava e sonhava com os lugares aonde queria enviar expedições missionárias. Em um de seus sonhos, ele também diz:

«A oeste, vejo montanhas muito altas e, a leste, o mar... As marcas numeradas na corda, cada uma correspondendo precisamente a graus de latitude, foram o que me permitiu manter em minha memória por vários anos os sucessivos locais que visitei quando viajei na segunda parte desse mesmo sonho» (MB XVI, p. 307).

A visão geográfica de Dom Bosco em seus sonhos sempre revela ambientes grandes, amplos, espaçosos, de dimensões profundas e vastas. Dom Bosco lê a realidade através dos mapas. Ele mapeia a realidade, os lugares, as pessoas, a natureza e a cultura.

Segundo Richard Sambrook e David Zurick, em seu texto *The Geographical Imagination* (2010), as fontes de informações espaciais do mundo exterior são assimiladas e harmonizadas pelo conhecimento interior inato que temos da orientação e dos lugares, com base em nossas experiências pessoais.

«A nossa percepção dos lugares envolve a nossa auto-percepção, as conexões emotivas e intelectuais e os nossos processos cognitivo-afetivos motivados pela nossa imaginação espacial e pelas decisões relacionadas com eles».

E afirmam:

«O nosso comportamento espacial depende de como vemos a nós mesmos e concebemos os lugares e as suas relações geográficas» (p. 477).

Quando sonhou com Brasília, a capital do Brasil, Dom Bosco apresenta assim:

«Entre os paralelos 15 e 20 havia uma enseada bastante longa e larga que partia de um ponto onde se formara um lago... A viagem continua ao longo da Cordilheira, em direção ao sul; assim como a descrição das regiões do Prado, dos Pampas e da Patagônia, até Punta Arenas e o Estreito de Magalhães» (MB XVI, p. 385-394).

Esse sonho, amplamente conhecido e discutido nos estudos sobre os sonhos de Dom Bosco, ofereceu-nos uma evidência clara e forte da sua inteligência espacial.

O sonho é explicitamente uma representação geográfica espacial. Dom Bosco chegou até a estabelecer os paralelos 15 e 20 como o lugar onde seria construída uma grande cidade.

É fundamental para a análise dos sonhos, do ponto de vista da imaginação espacial, aplicar os fundamentos básicos que expusemos neste estudo. Sambrook e Zurick, em relação ao papel dos mapas na imaginação humana, afirmam que:

«Os mapas têm um papel tecnológico fundamental em nossas organizações e na navegação espacial» (p. 4).

Os autores sugerem que, por meio da inteligência espacial, somos interiormente motivados a expandir a nossa visão de crescimento, conhecimento do mundo, sentido de realização e expansão, seja em questões políticas, econômicas ou religiosas.

Isso significa que, por meio da nossa imaginação geográfica, analisamos os espaços de relação na família, na vizinhança, na escola, no bairro e na comunidade, enfim, na sociedade em geral. Diversamente do conceito abstrato de ideias, a imaginação espacial é algo real, uma imaginação prática que extrai da Geografia a sua noção de relações humanas, sociais e políticas.

Mediante o desenvolvimento da sua imaginação geográfica, Dom Bosco elaborou e aplicou a sua visão educativa, comunitária e pastoral de modo criativo e prático. A visão geográfica de Dom Bosco faz parte da concepção do seu pensamento, da natureza do seu planejamento, da arquitetura das suas metas, da realização dos seus sonhos.

Poderíamos dizer, deste ponto de vista, que a perspectiva geográfica de Dom Bosco lhe oferece uma linguagem visual, projetada, pronta para ser executada. A sua perspectiva geográfica evita que ele se perca entre o que pensa e o que faz, entre o que reflete e o que realiza. A sua perspectiva geográfica dá-lhe uma praticidade criativa, aberta, flexível e integrada, com grande clareza na evangelização.

Esta perspectiva geográfica também se expressa em sua maneira de conceber e projetar o Sistema Preventivo, construindo ambientes, organizando regulamentos, criando espaços educativos nos oratórios. Expressa-se por meio das relações no espaço educativo, no projeto e na abertura de novas casas, e é percebida quando se observa como ele desenvolveu um projeto formativo para os jovens, como promoveu a abertura à imprensa até estabelecer um verdadeiro ambiente artístico-litúrgico em seus ambientes educativos.

Por isso, Dom Bosco era um homem prático. Com profunda espiritualidade e amor pela missão em vista dos jovens, ele se movimentou com paixão e criatividade para tornar realidade o que estava em sua mente e em seu coração. Soube projetar o seu sistema educativo e de comunicação com uma intensa fé em Deus e em Maria Auxiliadora.

Como vimos no início, a tecnologia GPS, os mapas e o mundo digital e virtual envolvem a todos nas profundezas de uma moldura geográfica, e a navegação na internet e nas mídias sociais tem muito a ver com a nossa imaginação espacial.

Quando Dom Bosco, com profunda fé, olhava para os mapas, a sua imaginação geográfica ajudava-o a pensar tanto local quanto globalmente. Ele pensava em termos de um mapa-múndi, previa a comunicação como rede, mapeamento, relações humanas, um grande movimento de pessoas que se reúnem para evangelizar e educar os jovens.

Dom Bosco oferece-nos, então, uma visão integral, educativa e criativa da comunicação na realidade digital e virtual de hoje.

5. CRIAR UMA PRESENÇA

O sistema educativo de Dom Bosco e a
inspiração dos seus sonhos

A comunicação é a arte de inspirar as pessoas.

Bom comunicador é aquele que cria uma relação pessoal e eficaz com os outros. Comunicar sempre requer do comunicador uma grande capacidade de relacionar-se e criar ligação com as pessoas. Seja através do rádio, da TV, da internet, dos jornais, do ensino ou da pregação, o comunicador deve ter uma presença que conquista, convence, permanece fiel ao seu público e tem algo a comunicar tocando a vida das pessoas.

Mesmo no universo digital e virtual, a relação humana é fundamental no nosso modo de comunicar. Através das relações, criamos uma presença na vida das pessoas.

Presença! A arte de se comunicar não se refere apenas a técnicas, truques, meios sofisticados para atingir o coração e a mente das pessoas. Talvez seja por isso que, apesar dos muitos meios de comunicação, alguns grandes líderes têm dificuldade para se comunicar e conquistar as pessoas. A comunicação não é algo simples. Ela tem a ver com o coração, os valores e as atitudes que tocam as percepções e a vida

das pessoas. Além de tudo, é importante ser uma presença eficaz!

Presença é a capacidade de criar relações intensas e fiéis, de estabelecer contato real com a vida dos outros por meio dos valores e ideais vividos e propostos. O que está em jogo, então, é a credibilidade do comunicador, o significado do que se diz, a correspondência entre o que se diz e o que se pretende, a fidelidade ao que se faz e ao que se acredita.

A presença eficaz é relacionada à capacidade de atrair as pessoas, em certo sentido, de conquistá-las, de obter uma resposta positiva delas, de colocar em ação o que se propõe. Em suma, refere-se ao impacto na vida dos outros por meio dos valores e ideais vividos e propostos pelo líder, pois está ligada à credibilidade do educador e comunicador.

A presença eficaz está ligada à capacidade de atrair as pessoas, em certo sentido, de conquistá-las, de obter delas uma resposta positiva, de praticar o que é proposto. Em suma, refere-se ao impacto na vida dos outros por meio dos valores e ideais vividos e propostos pelo líder, pois se relaciona com a credibilidade do educador e do comunicador.

A partir dessa perspectiva, ou seja, da capacidade de estabelecer relações e criar uma presença afetiva como elemento fundamental, podemos então nos perguntar como era a presença afetiva de Dom Bosco entre os seus jovens e com os outros homens do seu tempo. Dom Bosco era um educador e um

comunicador que vivia uma profunda experiência de presença entre os seus jovens e entre aqueles que encontrava no dia a dia. A presença amorosa, profunda e real de Dom Bosco conferia-lhe uma enorme credibilidade em relação ao que ele acreditava, sonhava e queria realizar. O seu amor afetuoso e ativo dava-lhe imensa credibilidade e autoridade.

Justamente pela sua experiência pessoal como educador dos jovens, Dom Bosco viveu, ensinou e escreveu que uma das expressões mais importantes da relação humana é justamente a presença.

O Sistema Preventivo de Dom Bosco baseia-se nesta coluna essencial: a presença! Contudo, devemos perguntar-nos: por que a presença, nesse sentido, é tão importante e como a presença está relacionada com os valores e a visão que alguém vive e representa?

Para responder a esta pergunta, gostaria de referir-me ao estudo feito pela psicóloga social Amy Cuddy, em seu livro *Presence: Bringing Your Boldest Self to Your Biggest Challenges* (Presença: levando o seu eu mais ousado aos seus maiores desafios), Nova York, Little Brown and Company, 2015.

Cuddy afirma:

«Se as pessoas acreditam realmente no valor e no potencial do projeto de quem o propõe, elas se comprometem a realizá-lo e torná-lo ainda melhor» (p. 32).

Para ela, a capacidade de convencer e gerar comprometimento decorre da autoestima e da confiança do indivíduo, da convicção do comunicador sobre os valores que põe em prática.

«As pessoas que possuem um sentido sólido de confiança em si mesmas sempre encontram maneiras seguras e eficazes de enfrentar os desafios e as relações, tornando-se mais resilientes e abertas» (p. 33).

O ponto fundamental em que esta pesquisadora insiste — a presença — é que o exemplo de vida é essencial. A comunicação está diretamente relacionada com o testemunho: a narrativa que vem de uma experiência verdadeira toca profundamente as pessoas.

Vejamos alguns aspectos da vida de Dom Bosco sob essa perspectiva.

Dom Bosco é um homem com grande história de fé, de luta contra a pobreza, de perdas afetivas e de dificuldades no crescimento. Entre as muitas situações que enfrentou, por exemplo, basta lembrar a dor sofrida após a morte do pai, a perda do grande amigo Padre Calosso e a questão de Jonas. O que chama a nossa atenção é a grande fé de Dom Bosco, que o levou a interpretar a sua vida segundo uma constante confiança no amor e na providência de Deus. A sua vida é um exemplo comovente para os outros!

Além disso, Dom Bosco supera as dificuldades e cresce como homem de profundo amor pelos outros. Desde a infância, em meio às lutas, ele desenvol-

veu um profundo sentido de amor, cuidado, ternura e caridade.

Através da sua presença eficaz e afetiva, Dom Bosco atraía as pessoas para si. Cada sonho narrado por Dom Bosco concretizava-se, tornava-se real, credível, capaz de reforçar e dar credibilidade ao seu projeto de educador e fundador da Congregação Salesiana.

6. EM NOME DE DEUS

A coragem de amar e atrair os jovens para
a sua família

Dom Bosco é uma referência afetiva segura para os jovens. Como sacerdote, educador e comunicador, ele ama em nome de Jesus Cristo. Sua presença é um sinal do amor de Deus pelos jovens.

Giovanni Battista Francesia, salesiano contemporâneo do Santo, recorda o quanto se sentiu amado por Dom Bosco e como esse amor transformou e deu sentido à sua vida, a ponto de fazer dele seu ponto de referência constante, justamente devido a esse amor:

«Eu o vi, eu o conheci; ele me ama, eu o amo» (G. B. Francesia, *Autobiografia*, p. 11).

De acordo com a psicóloga Amy Cuddy, já mencionada, as pessoas autoconfiantes são um ponto de referência real e concreto para os outros, e podem exercer uma influência forte e positiva:

«Quem é autoconfiante é capaz de estar presente para os outros, ouve as suas perspectivas e os seus desejos profundos e integra as perspectivas das pessoas criando valores e oportunidades para todos» (p. 33).

Para que alguém esteja presente com uma presença capaz de inspirar e gerar credibilidade, as suas emoções, os seus pensamentos, as suas expressões faciais,

as suas atitudes e os seus comportamentos precisam ser coerentes. Essa harmonização deve ser coerente com os valores em que acredita e pratica.

Segundo Cuddy:

«Ficamos inspirados quando ouvimos histórias reais de pessoas que enfrentam dificuldades, pobreza, perdas, sofrimento e outros problemas que causam dor, mas que também encontraram forças e direcionaram a vida para superar os seus problemas e construir as suas vidas. Somos sempre inspirados por essas histórias» (p. 283).

A presença não é fácil! Ela exige uma atitude autêntica, generosa e abrangente da pessoa. O oposto também é verdadeiro: quando não somos autênticos, quando nossos projetos são duvidosos, quando demonstramos emoções falsas ou as escondemos, a nossa comunicação verbal e não verbal cria ambiguidade, pois os elementos que compõem essa comunicação não são mais coerentes. Perdemos a perspectiva e o propósito. Nossa presença é enfraquecida, nossa mensagem se perde.

Da experiência familiar, Dom Bosco aprendeu um profundo sentido de presença autêntica e verdadeira. Sua mãe, Margarida, foi a primeira a transmitir esse valor e a educar o filho a ter uma presença consistente e coerente com as suas premissas.

Nesta perspectiva, a leitura das *Memórias do Oratório* permite-nos identificar como Dom Bosco viveu autenticamente a presença nos diversos

momentos e situações da vida. Pensemos, por exemplo, em seu famoso sonho dos nove anos.

Quando ele conta sobre a perda do pai, do amigo Comollo, do Padre Calosso, seu guia espiritual, a narrativa expressa um Dom Bosco muito concentrado no seu mundo interior, livre para expressar sentimentos reais, emoções verdadeiras, percepções autênticas de si mesmo. Quando fala da pobreza vivida pela sua família, ele expressa claramente todas as preocupações, suas e as dos parentes. Quando perde o amigo Comollo, ele descreve dramaticamente a angústia do seu estado de espírito. Quando descreve alegrias e conquistas, Dom Bosco manifesta um coração aberto e agradecido. Quando fala do prazer das amizades, dos jogos, da música, ele dá total liberdade para a expressão dos próprios sentimentos.

Ele se torna autêntico, inteiro, completo e verdadeiro na maneira como se comunica. Essa atitude rica e completa é o que torna a mensagem uma expressão natural e verdadeira de quem comunica. A partir da sua presença amorosa e da sua capacidade de ser uma referência afetiva e eficaz, com credibilidade, ele desenvolve a capacidade de atrair os jovens para um projeto de vida cristã, para serem salesianos e trabalharem com ele.

A presença, contudo, exige algo mais: a narrativa de um testemunho de vida baseada na história de uma existência feita de amor profundo e sacrificial.

Dom Bosco era um homem cuja expressão de amor não conhecia limites. Para ele, amar era o mesmo que respirar, viver, educar, sonhar e trabalhar. Em suas cartas, em seus escritos, em suas recomendações aos salesianos e a muitos outros religiosos, sacerdotes e leigos, o amor estava sempre no centro da sua espiritualidade e profunda pedagogia.

Um dos testemunhos mais intensos e poderosos de como Dom Bosco amava foi dado pelo Padre Paulo Albera, seu segundo sucessor. Em uma de suas cartas circulares aos salesianos (Turim, 1922),² ele descreve como sentia o amor de Dom Bosco:

«Dom Bosco privilegiava-nos de uma maneira única, toda sua: sentia-se o seu fascínio irresistível, que as palavras não podem expressar ou fazer entender por quem não teve a oportunidade de experimentá-lo» (p. 341).

O Padre Albera continua afirmando:

«O seu amor atraiu, conquistou e transformou os nossos corações. Ele nos atraiu para si com a plenitude do amor sobrenatural que ardia no seu coração e, com as suas chamas, absorveu e unificou as pequenas centelhas do mesmo amor despertado em nossos corações pela mão de Deus» (p. 342).

Brota destas palavras um Dom Bosco profundamente humano, profundamente santo, oferecendo-nos uma visão imensa e profunda da sua grandeza,

² A. CASTRO. *A alegria na Espiritualidade de São João Bosco*. Campinas: Arte Brasil, 2015. p. 246.

da sua sensibilidade interior, do seu amor a Deus e aos jovens.

Como seres humanos, independentemente da nossa cultura, língua ou idade, somos naturalmente inclinados a acreditar nos comunicadores que falam com o coração, que conectam suas palavras e sentimentos de forma coerente, que estão realmente presentes, que não receiam desenvolver relações reais e verdadeiras. A comunicação consiste em falar a partir da experiência real e da verdade. Dom Bosco era um comunicador que sempre falava a partir da sua experiência interior pessoal de Deus e era verdadeiramente coerente com a missão de amar e cuidar dos jovens que Deus lhe havia confiado. A abertura à graça e ao amor de Deus, o testemunho de humanidade e santidade, é a mensagem mais poderosa do seu modo de comunicar e educar. Pietro Brocardo, escrevendo brilhantemente sobre essa integração da humanidade e da santidade de Dom Bosco, afirmou:

«A sua riqueza humana, como foi oportunamente evidenciada, estava tão integrada à santidade que quase se tornou o seu sacramento, e os dons da graça, quando manifestados, eram como uma glorificação da sua humanidade» (P. Brocardo, *Don Bosco. Profondamente uomo profondamente santo*, Roma, LAS 2001, IV ed, p. 36).

Dom Bosco é uma referência como comunicador para o seu tempo e também para o nosso tempo de realidade digital e virtual. Se no passado ele esteve profundamente presente entre os seus jovens através

da sua paternidade educativa e comunicativa, hoje ele está presente em cada um de nós que nos comunicamos e está realmente presente na vida dos jovens de hoje.

7. DOM BOSCO E A FOTOGRAFIA

Os primeiros salesianos falam-nos da sua percepção da comunicação

A fotografia é uma característica comunicativa de Dom Bosco. Ele foi um dos primeiros santos a poder ser fotografado. Os motivos e os cenários das fotografias de Dom Bosco são muito bem pensados e estrategicamente preparados com objetivos comunicativos. Dom Bosco compreendia o poder das imagens e a eficácia de um momento imortalizado para despertar a memória das pessoas.

Talvez Dom Bosco seja o mais fotografado dos santos da Igreja do seu tempo. Giuseppe Soldà reuniu uma coleção abrangente de fotos (e pinturas) de Dom Bosco. Com este trabalho de rigor metodológico preciso, ele oferece uma apresentação das fotos de Dom Bosco: há imagens em que ele é retratado sozinho, há fotos ligadas a lugares onde Dom Bosco esteve presente, encontros de Dom Bosco com pessoas, grupos de salesianos. Fotos organizadas por etapas cronológicas da sua vida.³

Observando a variedade e a qualidade única das fotos de Dom Bosco, em diferentes situações e com

³ G. SOLDÀ, *Don Bosco nella Fotografia dell'800 (1861-1888)*, Torino, SEI, 1987.

pessoas de diferentes idades, percebemos alguns aspectos da sua noção de comunicação visual.⁴

Nota-se nelas, primeiramente, a intenção de Dom Bosco de organizar e registrar pessoas, situações, momentos que pudessem servir de referência para os salesianos do futuro. Cada foto é uma exposição de experiências e uma lição de vida, com o objetivo de construir um livro vivo de memórias para as gerações vindouras. A fotografia é ao mesmo tempo memória e mensagem!

Uma fotografia é uma expressão de intenções e motivações, e tanto Dom Bosco quanto os primeiros salesianos viam nessas primeiras fotografias uma linguagem e uma mensagem. De fato, eram “instantâneos” tirados no momento, como poderíamos fazer hoje, mas eram deliberadamente “em pose”.

A dimensão que Dom Bosco dá às fotos demonstra o senso de pertença dos salesianos, apresenta algumas atividades organizadas (a banda, por exemplo), expressa o desejo de imortalizar a fidelidade dos salesianos (entrega das Constituições). Depois, há as fotos de Dom Bosco ouvindo confissões, rezando diante de uma estátua de Nossa Senhora. São fotos que revelam Dom Bosco, os seus sentimentos, as suas intenções latentes.

⁴ Embora seja um esforço desafiador de interpretação, pois as fotos não são acompanhadas de descrições sobre o que representam ou o que se pretendia fotografar, como pessoas e eventos.

Dom Bosco sabia, certamente, muito bem como enquadrar as suas fotografias:

«A fotografia é sempre criada através das dimensões espaciais delimitadas pelo enquadramento da imagem. Sobretudo a dimensão que queremos dar à fotografia influencia a composição das cenas».⁵

Fotografar e ser fotografado envolve, então, uma atitude psicológica. A fotografia é uma maneira de expressar sentimentos de amizade, laços afetivos profundos, um sentido de futuro e um espírito de pertença.

Dom Bosco quis ser fotografado em diversos momentos da sua vida e em diferentes situações. É claro que ele não pensava apenas em si mesmo, mas também em seus salesianos, em seus meninos, em seus projetos, na Congregação Salesiana que havia fundado. Ao fazê-lo, ele também expressava as suas percepções e o seu interesse em transmitir valores e memórias de uma forma decididamente moderna para o seu tempo.

Escrever era a forma mais comum de comunicação no tempo de Dom Bosco, e ele de fato escrevia muito. A sua inclinação pela fotografia, porém, sugeria o desejo de algo moderno, algo que, pelo bem da mensagem, pudesse ter um impacto visual maior sobre o público. É interessante notar, ainda, que, desde

⁵ Diana EFTAIHA. O artigo por inteiro é acessível online: *The Theory and Psychology of Framing Your Image*, <https://photography.tutstplus.com/articles/the-theory-and-psychologyof-framing-your-image-photo-3106>, 2012.

a infância, Dom Bosco esteve muito envolvido com a música, os sons e os ritmos. Tendo aprendido a tocar pelo menos um instrumento (o violino), ele conhecia o poder que o som tem de tocar o coração e a percepção das pessoas.

Como escritor, Dom Bosco usava o poder das palavras para instruir e educar o seu público: através das *Leituras Católicas*, das *Vidas* de alguns de seus alunos, de muitas cartas, livros didáticos e outros escritos, e também ensinando seus meninos a produzir livros, ele era um mestre da comunicação por meio da palavra escrita.

Voltando à fotografia, podemos imaginar um Dom Bosco constantemente tentando atualizar o seu modo de comunicar-se. Com certeza, ele queria usar a fotografia para educar os seus salesianos a terem uma melhor percepção do que Deus havia feito por ele, por eles e pelos jovens. Seu único e constante objetivo era abrir os olhos das pessoas para a realidade dos jovens que precisavam de amor e educação.

«A experiência da fotografia pode ser vista como abrir os olhos para ignorar menos a vida em que vivemos, porque a fotografia nos ajuda a focar no que está acontecendo ao nosso redor, obrigando-nos e ensinando-nos a ver com mais atenção».⁶

A comunicação baseia-se muito no trinômio “palavra, som e imagem”. Essas três realidades foram

⁶ Ver o artigo disponível em: <https://the.me/the-psychology-of-photography/>.

e continuam a ser a base da comunicação, inclusive da comunicação digital e virtual. Isso explica por que gostamos de assistir a filmes, ouvir música e ler.

É correto dizer que a digitalização provocou uma enorme revolução na comunicação e continuará a provocá-la. Nós, seres humanos, gostamos muito de mensagens visuais e sonoras porque elas têm a ver com dois fortes sentidos: ouvir e ver. O som e as imagens têm o poder de nos tocar profundamente e de permanecer conosco, às vezes para sempre.

Graças à intuição de Dom Bosco nesse campo, ao hábito de ser fotografado sozinho, mas também com grupos de salesianos, a Congregação Salesiana herdou memórias visuais significativas desse grande comunicador e muitos dos seus momentos na companhia dos salesianos.

Explorando essas imagens em profundidade, percebemos algo da sua personalidade, da sua espiritualidade, dos seus sentimentos, dos seus valores e da sua santidade. Uma imagem realmente vale mais do que mil palavras! É por isso que grandes comunicadores como Dom Bosco sabiam usá-las no momento e no lugar adequado.

8. NARRAR

Dom Bosco, contador de histórias e
narrador da fé

São João Bosco foi um grande contador de histórias!

Quer descrevendo a sua infância, quer falando dos seus sonhos ou escrevendo a biografia de alguns dos seus filhos, ele sabia como contar histórias para tocar o coração e a mente das pessoas.

Nas realidades “virtual” e “digital”, a narrativa desempenha um papel muito importante. Poderíamos dizer que a mídia social é feita de narrativas. As pessoas gostam de escrever, de contar e publicar suas histórias diárias na forma de narrativas.

No mundo da comunicação digital e virtual, os jornais e a televisão também têm muito a ver com as narrativas. Os *talk shows* e *reality shows* são criados com base em histórias. Filmes e muitos textos musicais são escritos na forma de narrativas.

Vem-nos então de perguntar: por que gostamos de contar nossas histórias?

Apresentar uma história no modo de narrativa é um modo muito eficiente e poderoso de se comunicar que, do ponto de vista artístico do termo, tem um significado mais amplo; assim como o ilusionismo, ela é capaz de prender a atenção e envolver as pessoas no

enredo da história que queremos contar. Contar histórias, de fato, tem a ver com a capacidade de imergir o ouvinte na própria história.

Mas o que é uma narrativa? Etimologicamente, tem sua raiz no latim: *narrativus*, ou seja, adequado à narrativa; *narrat*\narrare, contar, relacionar, explicar, narrar. A narrativa é uma forma de comunicação caracterizada pelo falar sobre eventos e experiências por meio de cartas, histórias, literatura, contos, usando imagens, metáforas, elementos míticos, religiosos e culturais para transmitir uma mensagem.

O contador de histórias prefere uma linguagem simples e humana, propõe expressões visuais que tocam os aspectos imaginativos, cognitivos e emotivos dos leitores ou ouvintes para envolvê-los no enredo e na história que está sendo contada. Ele tem o poder de transportar mental e emotivamente a lugares e épocas diferentes. De fato, é verdade que as narrações tocam o coração e a imaginação das pessoas: desde o início, elas têm a capacidade de envolver o enredo de forma convincente para chegar depois ao cerne da história e manter o interesse até o fim! Tocar a fantasia do leitor torna-o ativo no processo de comunicação.

Todavia, o que torna uma narrativa realmente atraente e convincente? Toda narrativa precisa conter verdade! Nas narrativas e histórias de pessoas, um dos aspectos mais importantes para quem escreve ou fala é a verdadeira consistência dos temas. Portanto, a verdade. Uma boa narrativa exige do contador de

histórias coerência entre o que ele comunica, acredita e sente, de modo que seja uma só coisa ao se comunicar. Todos esses aspectos devem estar sincronizados com as palavras, as expressões faciais e as emoções do narrador.

Portanto, a narrativa não tem a ver apenas com o estilo, mas, acima de tudo, com a verdade, com nós mesmos e com a coerência entre o que dizemos, o que fazemos e com as nossas convicções mais profundas.

Quando narramos uma experiência que tivemos, estamos verbalizando os nossos sentimentos, expressando as nossas motivações interiores e sendo quem somos por meio do relato do que sentimos, acreditamos e experimentamos. As narrações são portas abertas pelas quais exprimimos a nós mesmos.

Portanto, um dos elementos mais importantes da narrativa é acreditar nas nossas histórias, no que dizemos, para sermos coerentes com a narrativa das nossas histórias.

Por isso precisamos perguntar-nos sobre o tipo de histórias que devemos contar. Quando as nossas histórias são realmente coerentes com o nosso eu mais profundo, elas exprimem o melhor de nós mesmos. Por exemplo, quando enfrentamos situações difíceis na vida que nos desafiam profundamente, como uma doença, a perda de um ente querido, a perda de um emprego, uma grande crise existencial, é o nosso eu interior, o nosso instinto de sobrevivência, a nossa força interior que vem defender-nos das ameaças. Ao

enfrentarmos essas situações com fé, amor e perseverança, construímos a nossa verdadeira mensagem. Ao enfrentarmos as experiências reais da vida, expressamos os nossos valores mais profundos e a melhor parte do que somos. A narrativa é sobre a vida real e as suas experiências significativas!

Nessa perspectiva, quando olhamos para os lutos vividos por Dom Bosco na sua infância e adolescência, vemos que eles tiveram uma influência profunda, desenvolveram em sua alma uma atitude de fé profunda e deram voz autêntica aos seus sentimentos, dando-lhe coragem para enfrentar a adversidade e interpretar a presença de Deus no cotidiano da sua vida.

Ao longo da vida, Dom Bosco viveu alegrias e tristezas de maneira autêntica e verdadeira. Por ter sido autêntico e verdadeiro em sua vida, ele soube ser um ponto humano de referência espiritual para muitas pessoas, transmitindo-lhes todo o seu carisma.

Dom Bosco sentia-se à vontade para compartilhar as suas histórias e os seus sonhos com os salesianos e os meninos, mas, para entender a maneira como Dom Bosco dava forma às suas narrativas, precisamos ir mais fundo: tudo aconteceu através da fé! As suas histórias, os seus sonhos e escritos eram interpretados e filtrados pela profunda fé em Deus e a crença ilimitada na intervenção materna de Maria, a Mãe de Jesus.

Outro aspecto a ser considerado é que as narrativas também têm a ver com o testemunho do amor e do cuidado pelos outros. Dom Bosco conta histórias

marcadas pelo seu amor inabalável e fiel aos jovens: estar no meio deles, atraí-los, amá-los, exigir deles o melhor, criar laços de afeto, colocá-los perante desafios contínuos, trabalhar juntos, envolvê-los em atividades religiosas, educativas e artísticas, eram temas constantes em suas histórias e em seus escritos.

Dom Bosco aprendeu a contar as próprias experiências e percebeu a importância de narrar a vida de outros. Por isso, escreveu muitas narrativas históricas, entre elas as três biografias e histórias de Domingos Sávio (1844), Miguel Magone (1861) e Francisco Besucco (1864). Nesses escritos, ele usou as histórias desses jovens excepcionais de maneira inteligente e criativa. São verdadeiras e próprias narrações de vidas, narrativas de testemunhos, biografias como narração de histórias.

A tecnologia digital e a comunicação virtual mudaram decisivamente a maneira de mantermos relações através da mídia social, da internet e da inteligência artificial. No entanto, os seres humanos continuam a criar conteúdo, produzir informações, enviar notícias e construir uma incrível rede humana global.

Nestes cenários de comunicação, a narração de histórias continua a desempenhar um papel importante, porque todos nós gostamos de contar e ouvir boas histórias!

9. GENTE DE PALAVRA

Dom Bosco, a força da palavra e
o dom da relação

A comunicação nasce através da palavra. As primeiras coisas que uma criança aprende a dizer, as primeiras palavras, são uma versão (geralmente curta) de “mãe” e “pai”, talvez simplesmente “mamãe” e “papai”. A palavra dá início à comunicação. De acordo com o livro do Gênesis, Deus cria os seres humanos e todas as coisas falando, dando nomes, dando vida... por meio da força da palavra!

Somos intrinsecamente *gente de palavra*. Por meio das palavras, desenvolvemos uma enciclopédia pessoal para definir quem somos, o que fazemos e como interpretamos tudo o que existe ao nosso redor. Através das palavras, construímos uma linguagem. Por meio da linguagem, comunicamo-nos uns com os outros. Podemos dizer que a maneira como nos comunicamos revela a nossa identidade (Censis, *I media e...*, 2020).

Historicamente, nós, seres humanos, criamos palavras e desenvolvemos a linguagem por meio da qual evoluímos como seres sociais, em todos os nossos ambientes culturais.

O mundo digital também tem a ver com palavras e linguagens. Os códigos são palavras de um

determinado tipo na escrita. *Bits e bytes* são palavras. Todos os sistemas e *softwares* de computador são linguagens, assim como os aplicativos. Na tecnologia da computação, na tecnologia da informação e na realidade virtual, as mensagens criptografadas transformam-se em linguagens, os códigos e os algoritmos são outras linguagens.

Quando formatamos um computador, estamos lidando com palavras que, combinadas com números e cifras, tornam-se um código informático, uma linguagem que nos permite interagir com o computador. As interações entre sistemas na internet são como uma enciclopédia. Exemplo disso é a forma como a Wikipédia foi projetada, permitindo-nos interagir virtualmente entre um lugar e outro por meio de palavras.

As palavras e as linguagens humanas, entretanto, têm um significado mais profundo. Elas não são apenas fonologia, morfologia, sintaxe ou ferramenta técnica de comunicação.

Elas têm a ver com o significado e devem ser exploradas na sua profundidade. As palavras revelam-nos, trazem à tona, o que pensamos e sentimos como seres humanos. A linguagem é, portanto, o modo de expressar o nosso ser, amar e criar. Por meio da linguagem, aprendemos a conduzir-nos no social, a tomar decisões e a ser proativos no espaço que ocupamos neste mundo. A palavra exprime emoções, sentimentos e valores. É a voz do coração e da alma humana. A palavra e a linguagem exprimem o que somos. Então,

a linguagem tem uma dimensão oculta, uma parte do mistério que somos, que é a vida. É por isso que, no decorrer da nossa existência, encontramos novas palavras para exprimir novas experiências, novas descobertas e novas realidades.

Outro aspecto adicional e complementar da expressão de si por meio das palavras é a relação. A palavra leva às relações humanas. A palavra é-nos dada para falar, criar, dialogar e dar vida ao nosso mundo de relações.

Dom Bosco era um homem de palavras! Trabalhou a vida inteira sobre a sua linguagem para educar! Desde a infância até os últimos momentos antes da sua morte, Dom Bosco usou as palavras para exprimir o seu ser mais profundo e as suas convicções.

Permiti-me falar sobre o sonho dos nove anos sob a perspectiva do poder das palavras e da linguagem. Pode ajudar-nos a entender melhor porque as palavras são a “mãe da comunicação”. Pode-se jogar com as palavras! Foi assim que ele criou a sua linguagem. É o que ele relata nas *Memórias do Oratório*:

«Aos nove anos de idade tive um sonho, que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir os palavrões, lancei-me prontamente entre eles, tentando fazê-los calar com socos e palavras» (MO, p. 7-8).

A descrição do que o perturbou nessa parte do sonho é interessante: foram os “palavrões” deles. Palavrões! O poder das palavras! Palavras que revelam a triste situação que esses jovens estavam enfrentando na própria vida.

Dom Bosco continua a narrativa do sonho de maneira vívida e pessoal:

«Nesse momento apareceu um venerando senhor, nobremente vestido... Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos».

O diálogo começa com termos opostos e com alguns oximoros:

«Socos — doçura»

«Feiura do pecado — valor da virtude».

A resposta de Joãozinho Bosco é imediata, simples e clara:

«Eu era apenas um pobre menino ignorante, incapaz de falar sobre religião com aqueles jovens».

Quase sem saber o que estava dizendo, ele imediatamente pergunta:

«Quem está ordenando-me essa coisa impossível?».

O Personagem do sonho responde:

«Justamente porque essas coisas te parecem impossíveis, debes torná-las possíveis por meio da obediência e da aquisição da ciência».

O jovem Bosco faz uma pergunta profunda na sua aparente simplicidade:

«Onde, com quais meios?».

O diálogo continua. Agora o Personagem responde à sua pergunta:

«Eu te mostrarei o caminho, sob cuja disciplina poderás tornar-te sábio, e sem o qual toda sabedoria se torna estultice».

Mediante o uso da linguagem, o diálogo abre-se sempre mais... O ser exprime-se, surgem perguntas profundas... Há um desejo de saber quem é o interlocutor. Palavras em busca da verdade! Eis o que o jovem João Bosco pergunta:

«Mas quem sois vós que falais assim?».

O Personagem misterioso apresenta-se então:

«Eu sou o Filho d'Aquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia».

A linguagem é a forma como o menino do sonho se defende, encontra segurança, recebe uma referência emotiva para resolver o seu problema.

A referência que Joãozinho exprime com simplicidade é esta:

«Minha mãe disse-me para não conversar com quem eu não conheço, sem a sua permissão; por isso, dissei-me o vosso nome».

A linguagem é dinâmica. As perguntas levam a pessoa a buscar, refletir, considerar e encarar a verdade da vida e da realidade. A linguagem caminha de mãos dadas com as crenças e as convicções humanas. A narrativa continua:

«Vi ao lado dele uma Senhora de aparência majestosa, vestida com um manto que resplandia por todos os lados, como se cada um de seus pontos fosse uma estrela cintilante. À medida que eu ficava cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, ele acenou-me para que me aproximasse dela, pegou-me gentilmente pela mão e disse: “Olha!” E ele o fez».

A linguagem abre caminhos para a vida e a confiança: é como uma chave para abrir portas e novos horizontes.

«Aparentemente, todos os jovens haviam fugido. Um grande número de crianças, cães, ursos e outros animais tinham tomado o seu lugar».

O diálogo continua, sempre em termos opostos.

«Animais selvagens — cordeiros mansos».

«Fortes — robustos — humildes».

Dom Bosco continua a narrar o seu sonho apresentando as palavras da Senhora:

«Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte e robusto; e o que vês acontecer agora com estes animais, deverás fazer pelos meus filhos. Olhei novamente ao redor e, onde antes eu havia visto animais selvagens, apareceram tantos cordeiros mansos que,

saltando, corriam balindo, como se estivessem se divertindo com aquele homem e aquela senhora».

A linguagem é como um oceano. É profunda, às vezes muito complexa. Em alguns aspectos, é misteriosa. Toca o coração, a alma e a mente. Através de palavras como “sim, não, talvez”, os seres humanos definem a própria vida, o futuro, o verdadeiro lugar neste mundo. João Bosco também exprime os seus sentimentos mais profundos:

«Naquele momento, ainda dormindo, comecei a chorar e explorei para falar a fim de entender, pois não sabia o que quisesse significar. Então, Ela colocou a mão sobre a minha cabeça e disse-me: “A seu tempo, tudo compreenderás”. Dito isso, um rumor acordou-me e tudo desapareceu».

«Depois que Ela falou...». São palavras com um significado forte e um simbolismo profundo. Palavras que expressam o poder da linguagem e o dom das relações! As relações são a destinação da palavra. Através das relações, ampliamos a nossa comunicação interpessoal e damos significado e solidez às nossas palavras.

Para Dom Bosco, a palavra “jovens” torna-se uma linguagem que tocou profundamente toda a sua vida, o seu coração e a sua alma. Tornou-se uma palavra a viver, a oferecer, a comunicar. Mediante a linguagem do seu coração e da sua alma, ele tocou a vida daqueles que o conheceram e souberam de tudo o que ele realizou pelos jovens. Para ele, a palavra torna-se um

projeto de vida, porque a Palavra que vem de Deus é uma palavra que ilumina a vida. Essa palavra é portadora de força e garantia de perseverança, fundamento para o dom de si mesmo e da própria vida pelas pessoas que ele amava e pelas quais vivia: «Prometi a Deus que daria tudo de mim até o último suspiro pelos meus pobres meninos» (cf. Capítulo 1).

10. UM NOVO *HABITAT* DA COMUNICAÇÃO

Dom Bosco, o mundo virtual
e a visão do ambiente

Ao iniciar este capítulo, é bom apresentar algumas premissas na forma de simples perguntas e respostas, a fim de chegar ao cerne das ideias expostas a seguir. É importante entender por que o ambiente humano e cultural constitui um elemento essencial para a comunicação digital e como o conceito de ambiente pode ser identificado no sistema educativo de Dom Bosco.

O que a internet representa? Um ambiente cultural.

O que é mídia social? Um *habitat* humano.

O que faz mover o mundo virtual da internet e da mídia social? Rituais humanos e culturais. Fundamentalmente, o que fazemos quando navegamos na internet e nos conectamos à mídia social é identificar-nos com rituais humanos e culturais.

Qual é o objetivo destas perguntas? É abrir um campo que nos permita ampliar a nossa visão do digital no contexto das grandes transformações tecnológicas. A internet e as mídias sociais estão intimamente relacionadas com o ambiente, as relações humanas e as redes sociais de grupo e de comunidade. Em poucas

palavras: todos nós nos comunicamos por meio dos nossos rituais humanos e culturais.

Por esse motivo precisamos de alguns conceitos de onde partir.

Os rituais têm significado social, cultural e religioso. É importante considerar que eles não se referem apenas a rituais religiosos, como o rito do batismo na Igreja Católica. Os rituais têm a ver com as expressões humanas mais básicas: proferir uma sequência de palavras, fazer gestos, seguir hábitos como comer, dormir, trabalhar, vestir-se e assim por diante. Temos rituais relacionados ao momento do nascimento, e praticamente todas as sociedades têm a sua própria maneira de celebrar casamentos, vitórias esportivas, festivais de dança e de música, funerais. As pessoas expressam suas crenças, valores e regras por meio de rituais. Os antropólogos acreditam que eles sejam extremamente importantes e fornecem informações preciosas sobre as pessoas, a sua cultura, a sua história e as suas crenças porque são uma identificação e decodificação do comportamento humano instintivo. Eles são a expressão concreta e material das crenças, das ideias e dos sentimentos das pessoas e são transmitidos de uma geração a outra como pertença a um núcleo.

A repetição comportamental de modos autênticos e comuns de comunicação por meio de palavras, gestos, símbolos, códigos, sons, é a maneira pela qual as pessoas se comunicam e se entendem. Por exemplo,

quando dois times de futebol vão ao estádio para jogar, os torcedores usam símbolos e rituais para interagir uns com os outros (bandeiras, hinos etc.).

Essa premissa é fundamental para entender que a comunicação em todas as suas dimensões — interpessoal, social, comunitária, institucional — está enraizada na pessoa humana e intrinsecamente relacionada com a cultura e os rituais humanos que revelam a riqueza e a variedade da comunidade humana.

Além disso, esta visão do digital, a partir de uma noção mais ampla dos seres humanos e dos seus rituais culturais, ajuda-nos a evitar alguns dualismos entre pessoa e digital, realidade fixa e realidade virtual, *offline* e *online*

Esta visão mais ampla da “virtualização”, de um ponto de vista antropológico, oferece-nos uma maneira mais ampla de interpretar o nosso tempo: o nosso espaço virtual é o que nos motiva a usar continuamente a internet. Em todo caso, trataremos deste tema em outra ocasião.

Em vez disso, é bom voltar à reflexão sobre os rituais para aplicá-la à internet.

O que a internet representa, então, do ponto de vista do ritual? Pessoalmente, acredito que a internet é uma vasta rede de rituais humanos e culturais; um ambiente humano e cultural em que as pessoas vivem e compartilham o próprio tempo. Na internet, podemos encontrar muitos tópicos sobre arte, interesses

culinários, política, moda, esportes, música, cinema, compras, relações entre pessoas, informações sobre a vida cotidiana, conteúdos religiosos, economia, amor, vida e morte.

Quando falamos de moda, comida, música, jogos, referimo-nos a aspectos antropológicos, ou seja, tentamos entender as pessoas no âmbito de uma cultura específica. Quando as pessoas usam as mídias sociais para falar do que acontece durante uma guerra ou de política, doenças, impostos, fofocas, música, estão expressando os seus sentimentos, pensamentos, desejos, a imaginação mais profunda que expressa como elas se relacionam com o que está acontecendo em suas vidas num determinado momento.

Devemos considerar, então, a internet e as mídias sociais como parte integrante da nossa vida, como expressão e extensão dos rituais humanos em geral. É a partir desses rituais, desses elementos antropológicos e culturais, que podemos entender melhor o que está acontecendo no universo da comunicação e no mundo que se transforma.

Será, talvez, a internet um vasto mundo de rituais humanos e culturais?

Provavelmente estareis a perguntar agora se *bits* e *bytes*, aplicativos, protocolos da internet, fibra ótica, satélites estão estritamente relacionados à tecnologia/velocidade. O que, então, os rituais humanos e culturais têm a ver com isso?

É claro que a tecnologia desempenha um papel fundamental na internet. Poderíamos argumentar que a tecnologia também faz parte da cultura, mas não queremos entrar nessa questão complexa. Certamente, os rituais humanos e culturais estão associados à tecnologia e não entram em conflito com ela. Os seres humanos criaram a tecnologia, que também está associada a outras invenções, como a eletricidade, a rede telefônica e as artes.

Eis porque o que constitui a internet são os rituais humanos e as relações humanas. Sem eles, a internet não existiria! Os seres humanos fazem parte e constituem a internet e as mídias sociais, porque todos os temas postados, discutidos e compartilhados têm a ver com as condições e as realidades humanas.

Ultimamente, as pesquisas que estão crescendo muito neste setor são a etnografia digital e a netnografia, duas novas disciplinas que estudam a internet e a comunicação digital sob a perspectiva dos rituais. Isso significa que a internet e o digital não se referem apenas à tecnologia, mas a algo mais profundo e significativo.

Considerando esta visão da internet como uma rede humana e cultural, podemos tentar encontrar um ponto de diálogo entre o digital e a visão de Dom Bosco sobre o nosso ambiente ritual.

Como dissemos anteriormente, os rituais humanos e culturais permitem que as pessoas se comuniquem umas com as outras, expressem suas ideias e

sentimentos, criem vínculos e realizem projetos em conjunto. Por exemplo, a educação é uma expressão de rituais: ir à escola todos os dias, estudar uma determinada matéria, observar regras específicas na escola, respeitar os procedimentos dos exames, participar da cerimônia de formatura, as relações com os professores, com os colegas de classe etc.

É interessante notar que, em geral, os rituais envolvem o ambiente e as demais pessoas. O ambiente é fundamental para a realização dos rituais. O ritual, por sua vez, requer o outro, cria relações e participação, estabelece vínculos afetivos, estabelece um sentido de pertença, permite que as pessoas expressem a sua liberdade, os seus sentimentos, as suas palavras e os seus valores. A cerimônia de um matrimônio é normalmente uma celebração que envolve a família e os amigos; uma celebração religiosa ou civil requer um ambiente, símbolos, música, um motivo para celebrar, roupas específicas, estado de espírito, etc.

O ambiente é um verdadeiro *habitat* da comunicação, formado em grande parte de relações humanas. Não se trata apenas de um lugar geográfico, mas tem a ver com as relações humanas. Na família, o amor entre pai, mãe e filhos determina o núcleo ao redor do qual se desenvolve o sentido de pertença e o que os une e identifica como família.

O ambiente é, então, um grande mosaico formado por vários elementos: espaço físico, ambientes

específicos, pessoas, atividades, valores, símbolos, relações humanas.

Tentemos agora olhar para Dom Bosco e para como ele criou um ambiente ritual muito eficiente para a educação dos jovens.

11. VALDOCCO

Dom Bosco cria um lugar envolvente e um ambiente amigável

Em que se baseia o sistema educativo de Dom Bosco? Em vários elementos: um dos primeiros esforços de Dom Bosco foi encontrar um espaço amplo para os seus jovens, a fim de poderem correr, conversar, brincar e socializar-se. Neste espaço físico, os educadores deviam estar sempre presentes como amigos para motivar, ajudar, criar relações. O seu objetivo era criar uma espécie de rede de relações. Por isso, criou um ambiente em que os jovens pudessem expressar-se por meio dos seus rituais humanos, culturais e religiosos (linguagem, música, esporte, religião, amizade, trabalho, estudo). Era uma rede simples, mas rica em símbolos (liturgia) e sons, música, teatro, jogos e elementos cristãos (Via Sacra, devoção a Maria, Eucaristia etc.).

É claro que o ambiente ritual de Dom Bosco exigia estudos, habilidades profissionais a aprender, alimentação a oferecer e um lugar para dormir, viver e amar. Coisas, todas elas, que poderíamos definir como rituais humanos! Valores religiosos e aspectos culturais humanos, códigos, símbolos: uma verdadeira e própria linguagem de comunicação.

Sabendo que os rituais são uma parte profunda do ser humano, Dom Bosco usou várias atividades

artísticas para criar uma espécie de sistema de comunicação, de modo que os alunos pudessem experimentar a vida em 360 graus, vendo (leitura), ouvindo (música), tocando (jogos), degustando (comer-alimentação).

O Oratório era um ambiente formado por vários elementos, por exemplo, os espaços, as salas de aula para o estudo e o aprendizado de habilidades, a igreja, o pátio, os quadros, a presença dos educadores entre os jovens, os jogos, a música. Para Dom Bosco, o ambiente é essencial à educação por ser o lugar privilegiado de vivenciar os valores humanos e cristãos, o lugar onde se expressam os ritos humanos e culturais. Nesse ambiente, Dom Bosco introduziu com habilidade a religião, o afeto, o diálogo, a presença amiga dos educadores entre os jovens, a atmosfera familiar, o contato com Deus e com a Virgem Santíssima. Podemos dizer que o ambiente forma, educa e incentiva a comunicação.

A internet também é um espaço público. O digital também é um *habitat*. A comunicação no ambiente digital é igual e realmente uma expressão de rituais humanos e culturais. Isso explica porque os seres humanos se conectam diariamente por meio de seus *smartphones* à internet para ler notícias, publicar vídeos, ouvir música, assistir a filmes, conversar em redes sociais, fazer publicidade. Tudo isso e muito mais permite a expressão da riqueza e da variedade dos rituais humanos.

Nesse universo comunicativo, formado por rituais humanos e culturais, está a pessoa com as suas virtudes e os seus vícios. E não podemos ignorar o fato de a internet não ser um lugar neutro, pacífico e uniforme. Ela também representa a realidade da vida, com suas angústias e esperanças.

Humanizar a internet e evangelizar hoje nas redes sociais significa, acima de tudo, conhecer e reconhecer a natureza humana e seus rituais associados aos aspectos sociais, culturais e religiosos. Nesses ambientes, com a compreensão da sua realidade cultural e ritual, podemos dialogar com as pessoas para que elas possam, a partir do seu lugar cultural e ritual, promover a justiça, o respeito, o diálogo, a paz e a fraternidade.

Dom Bosco foi um educador capaz de compreender o seu tempo. Graças a essa compreensão da realidade humana, cultural e ritual, ele soube dialogar com os jovens e fazê-los entender a importância de educar para a vida, de abrir-se aos outros e encontrar-se com Deus.

12. AS INTERAÇÕES HUMANAS

Dom Bosco, respeitoso da individualidade
e mestre da interatividade

“Interatividade” é uma palavra-chave na comunicação digital e virtual. Uma palavra relativamente nova. Uma palavra forte. Uma palavra que mudou as nossas relações. Desde a criança que brinca até o idoso que se comunica com o neto pelo celular, todos nós interagimos. Os exemplos são incontáveis: vão desde reuniões presenciais, chamadas telefônicas, mensagens de texto e mídias sociais. Tudo isso é interatividade. Mas qual é a melhor maneira de defini-la?

O Oxford Reference Dictionary define assim a interatividade:

«Qualquer comunicação entre dois ou mais indivíduos que seja dinamicamente moldada de acordo com o intercâmbio dos participantes. Quando tomada como uma propriedade do processo de comunicação, a interatividade é caracterizada como ativa e intencional e só ocorre em condições nas quais as funções de emissor e receptor são completamente intercambiáveis».

Evidentemente, a interatividade requer um *feedback* dos espectadores/ouvintes, de modo que o processo de comunicação seja modelado pela participação e pelo envolvimento de todas as partes

comprometidas no processo. Por exemplo, a interação ocorre em um grupo de pessoas que participam de uma conversa durante uma videoconferência, compartilhando imagens, sons, textos e, portanto, interagindo umas com as outras.

Uma segunda questão importante a ser levantada é sobre o que constrói a interatividade. Tentemos imaginar agora uma pessoa que se relaciona com outra ou com um grupo de pessoas por meio de dispositivos específicos em uma conferência ao vivo. O que nos faz pensar quanto às relações humanas? Os verdadeiros protagonistas são, acima de tudo, as emoções, os gestos, as atitudes e todas as ações que expressam a maneira como vemos e percebemos a realidade.

A interatividade coloca o meu eu em relação com os outros. De certa forma, a minha inteligência emotiva e social manifesta-se nas minhas relações com os outros. Numa reunião *online*, quando defendo uma opinião, quando concordo ou discordo, quando expresso preocupação, aprovo ou desaprovo alguma coisa, ou mesmo quando gracejo, estou expressando o que sinto, o que penso, as minhas intenções e as minhas ideias. Ao tentar ouvir a outra pessoa, entender o seu ponto de vista, expressar empatia, buscar soluções para um determinado problema em conjunto, estou construindo a interatividade.

Como num jogo, a interatividade exige regras de participação, escuta, diálogo e *feedback*.

Neste ponto, gostaria de abordar brevemente uma questão relacionada à interatividade com o telefone celular, o computador ou outras mídias. Não entraremos neste tema, mas devemos dizer que nós, seres humanos, interagimos com dispositivos, aplicativos, emojis, símbolos, sons e imagens. O grupo “Human-Technology Interaction” (HTI), por exemplo, estuda como interagimos com a tecnologia, a fim de entender melhor e aprimorar as maneiras pelas quais os seres humanos interagem com diferentes tipos de mídia.

Quando usamos a tecnologia, os serviços de internet e as mídias sociais — para aprimorar os relacionamentos da equipe, promover o *marketing* ou o atendimento ao cliente, iniciar um grupo em uma rede social — estamos usando uma tecnologia que influencia as pessoas cognitivamente, emocionalmente e até neurologicamente.

Tudo tem a ver com interatividade! Entender a relação entre nós e a tecnologia permite que nos comuniquemos melhor e mais profundamente com as pessoas no ambiente *online* e ajuda-nos a interagir com elas para fins de educação, pesquisa, evangelização, negócios e divertimento.

Voltemos ao conceito inicial de interação: ele tem a ver com a nossa capacidade humana de nos conectarmos com os outros. A interação ocorre, por exemplo, entre duas pessoas que jogam tênis de mesa ou tocam música juntas, ou se apresentam em um show. As interações exigem *feedback* entre as pessoas!

Qual é o meio no caso da música? Os instrumentos musicais, a canção, o som... Quem interage? Os músicos, o cantor, o cantor com o público, e assim por diante. A participação entre os cantores e o público é a interação. A interação é, então, uma forma pessoal e social de se relacionar com as pessoas em um determinado ambiente.

Dom Bosco também interagiu com os jovens, criou excelentes instrumentos e fez uso brilhante da mídia de seu tempo (banda de música, teatro, jogos, liturgia) para promover a interação.

Primeiramente, Dom Bosco interagiu com os seus jovens a partir da sua profunda maneira cognitiva e emotiva de relacionar-se com eles. A sua interação partia da capacidade de entendê-los, de interessar-se por eles, de motivar, abraçar e amar os jovens. Falando nos termos dos estudos psicológicos atuais (termos como: escola afetiva da psicologia, inteligência múltipla, inteligência emotiva e social e neurociências), podemos dizer que Dom Bosco tinha uma forte inteligência emotiva, social e artística.

Dom Bosco era dotado de um senso especial de consciência. Por exemplo, ele tinha a capacidade de reconhecer emoções e sentimentos e demonstrar empatia com os talentos e as habilidades das pessoas, as suas áreas de fragilidade, aquilo em que precisavam melhorar, os seus níveis de flexibilidade, o senso de responsabilidade. Além disso, ele podia valorizar as

suas habilidades e capacidades de colaborar com o grupo e demonstrar comprometimento e fidelidade.

Graças a essa capacidade como pessoa, educador e sacerdote, Dom Bosco foi capaz de identificar e compreender a realidade pessoal de cada um, o que poderia fazer e o que poderia exigir para crescer, criar, empenhar-se no processo educativo e, enfim, como poderia transmitir os valores salesianos dos quais estavam impregnados.

Dom Bosco criou, no seu tempo, um sistema forte e eficaz, caracterizado pela presença viva e amigável como educador: o envolvimento dos jovens em atividades escolares, educativas, artísticas e religiosas. Graças a esse clima de liberdade, os jovens podiam expressar as próprias motivações interiores em cada atividade e dar o melhor de si, participando com outros de algumas atividades. Promoveu, assim, a interatividade criativa na forma de redes de relações afetivas e sociais.

O centro dessa referência afetiva, social e espiritual era justamente Dom Bosco que, a partir da sua rica e profunda experiência de interatividade afetiva, se tornou uma referência para todos sobre o modo de interagir para educar.

Alguns estudos sobre Dom Bosco expressam de modo claro e simples como o santo dos jovens sabia amar.

O coração de Dom Bosco jamais deixou de amar, até o fim. A pedagogia de Dom Bosco identifica-se com toda a sua ação e toda a sua ação com a sua personalidade; a interioridade de Dom Bosco concentra-se, por definição, no seu coração. É o coração como ele o entende.

«Não só como órgão do amor, mas como parte central do nosso ser [em nível de natureza e de graça, n. red.] o coração quer, o coração deseja, compreende e une, escuta o que lhe é dito, inflama-se de amor, reflete, move-se» (P. Stella, *Don Bosco na história...*, p. 37-38).

Um bom número de estudos sobre a espiritualidade e o sistema educativo de Dom Bosco mostra que ele tinha uma enorme capacidade de estabelecer relações humanas (Stella, em 1969; Afonso, em 2002; Braido, em 2004), de fascinar as pessoas, de ter influência educativa sobre os jovens, de dar motivações, de formar líderes, de criar uma rede de relações, de usar as artes para educar... de promover a interatividade!

Dom Bosco desenvolveu uma escola de educação única em que a interatividade desempenha um papel muito importante. Ele entendeu intuitivamente o que é o ser humano e como oferecer aos indivíduos o melhor para o seu crescimento e desenvolvimento como bons seres humanos, abertos a si mesmos, aos outros e a Deus.

13. O ORATÓRIO EM VALDOCCO

Realidade virtual e experiência imersiva,
um novo modo de comunicar

A explosão das redes sociais e dos *games* levou as pessoas a uma nova dimensão de comunicação que podemos definir como imersão virtual na rede. A nossa relação interage agora com os nossos sentidos (ouvir, tocar, ver). De fato, tanto o nosso corpo quanto as nossas faculdades emotivas e cognitivas permitem-nos entrar realmente no universo digital. Podemos, por exemplo, compartilhar instantaneamente notícias e fotos. Pelas redes sociais, garantimos que um evento que ocorre em um determinado lugar também seja assistido por aqueles que estão em um lugar muito diferente e distante. O que fotografamos e compartilhamos torna-se uma experiência para outras pessoas. Vivemos na era da chamada *full immersion*, imersão total.

Também gostaria de acrescentar que *immersion* é um termo técnico usado pela realidade virtual (F. Biocca, 1993) e não pode ser restrito apenas ao nosso contato com o digital. É importante ampliar a visão do conceito de *immersion*. Quando, por exemplo, estamos cozinhando um alimento, estamos de certa forma “imersos” na cozinha, os nossos sentidos envolvem-nos e relacionam-se com a experiência

que temos ao cozinhar: o odor da comida, o sabor do alimento. Quando ouvimos música em uma sala, de certa forma estamos imergindo. Então, são todos os nossos sentidos que nos permitem imergir em todas as realidades da vida. Ir ao centro comercial ou participar de uma celebração religiosa é ter uma experiência imersiva.

A comunicação digital e a rede no mundo do ciberespaço são fundamentalmente uma experiência imersiva, permitindo que nos comuniquemos além da localização geográfica em que nos encontramos. Mesmo quando pensamos em comunicação via rádio, televisão ou internet, elas nos permitem comunicar-nos por meio desse novo canal.

Quando assistimos a um filme, as imagens nos transportam à realidade histórica e ao seu contexto virtual, interagindo em um nível emotivo, pois nos emocionamos, choramos e nos deixamos envolver pela trama. Como isso pode acontecer, se o que estou vendo à minha frente é representado apenas por imagens e sons? Qual é o fenômeno psicológico que ocorre quando as imagens e os sons envolvem as pessoas de forma profunda, levando-as a reviver, recriar, reinterpretar o roteiro do filme e fazendo com que seja para elas uma experiência real?

Como o conceito de comunicação imersiva pode ser aplicado a Dom Bosco e ao ambiente educativo de Valdocco?

O primeiro confronto é com os sonhos de Dom Bosco. A intenção é seguir esse exemplo apenas no nível da psicodinâmica da comunicação, entrando no específico da dinâmica do sonho.

No famoso sonho dos nove anos de Dom Bosco, desde a primeira linha da narração, mergulhamos em outra realidade:

«Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir os palavrões, lancei-me prontamente entre eles, tentando fazê-los calar com socos e palavras».

Através deste sonho rico em imagens, sensações, sons e cores, Dom Bosco convida-nos a mergulhar na realidade do sonho para viver a experiência vivida por ele. Essa experiência, que vai além de uma visão racional e técnica, envolve-nos, faz-nos participar juntamente com Dom Bosco, imerge-nos nessa dimensão onírica.

Um segundo exemplo prático de comunicação imersiva poderia ser a atmosfera do Oratório de Valdocco. Tentemos imaginar como o Oratório funcionava num dia ensolarado. Os jovens são cerca de oitocentos. O ambiente é pequeno, mas permite que os jovens se movimentem e participem e, assim, fiquem completamente imersos no ambiente. Nesse lugar, os jovens participam da Santa Missa, vivenciam um momento intenso com cantos e orações, são envolvidos pelo odor do incenso, os seus olhos enchem-se com

as imagens da liturgia (como os paramentos da celebração). A liturgia e os cantos permitem aos jovens imergir-se na atmosfera e participar da celebração com todo o seu ser: a alma, o coração, os sentimentos que envolvem todos os seus sentidos.

Ao lado da igreja, há o campo esportivo onde os jovens correm, pulam e se divertem, com grande entusiasmo e participação. Essa é uma experiência imersiva acompanhada de risos, gritos e expressões intensas de emoção.

Quando um grupo de jovens canta no coro e outro grupo apresenta uma peça de teatro no Oratório, todo o ambiente torna-se imersivo, como um verdadeiro momento multimídia, em que os jovens imergem, participam, criando em uníssono um envolvimento profundamente interiorizado nas atividades do Oratório.

A experiência imersiva é, portanto, uma expressão antropológica do nosso modo de comunicar. Por isso o mundo digital é fundamentalmente baseado na experiência imersiva. Dom Bosco criou igualmente um ambiente educativo que permitia aos seus jovens viverem afetiva e cognitivamente as experiências litúrgicas e lúdicas. O seu objetivo sempre foi educar para a vida, encaminhá-los a Deus, louvar e glorificar o nome de Maria Imaculada e Auxiliadora, aquela que tudo fez.

14. EM DIÁLOGO

Dom Bosco e a sua visão do diálogo científico, educativo e religioso

Não é difícil pensar que Dom Bosco elaborou o seu sistema educativo segundo uma “geometria criativa”, no modo de pensar o ser humano, organizar projetos educativos e realizá-los sempre com excelentes resultados. Nessa estrutura, entre o sistema educativo de Dom Bosco e os vários ramos da comunicação atual, podemos encontrar um diálogo caracterizado por uma abordagem puramente científica contemporânea e encontrar, por exemplo, alguns conceitos ligados à inteligência emotiva, ao digital, à inteligência artificial e aos *games*. É importante ressaltar que muitas décadas se passaram até os dias de hoje desde os tempos de Dom Bosco, que viveu em pleno século 19. Dom Bosco viveu em uma cultura e um mundo em que eram desconhecidas as tecnologias que usamos hoje, como a internet, os sistemas de comunicação, o laser, os satélites.

Mesmo em nível teológico e pastoral, Dom Bosco viveu em um período conservador e fundamentalmente fechado. No entanto, as suas percepções e práticas já demonstram a capacidade de educar a partir do que o indivíduo faz de melhor, do seu potencial, da sua inteligência e da sua capacidade de integrar

o conhecimento com a prática profissional. Os valores da vida são ressaltados através da educação com a formação das pessoas, a evangelização e a promoção da dignidade humana. Através da sua visão e abordagem inovadora, Dom Bosco foi capaz de acompanhar os tempos planejando o futuro.

Um segundo elemento importante a ser considerado refere-se às mudanças pelas quais as sociedades também passaram e que, desde os tempos de Dom Bosco até os nossos dias, têm influenciado os indivíduos, as famílias, as culturas, a escola e a Igreja.

Devemos observar, então, os vários elementos que compõem e identificam a grande mudança histórica ocorrida. Entre eles, as novas tecnologias e as redes de comunicação são as que tiveram o maior impacto na vida das pessoas, especialmente das crianças, dos adolescentes e dos jovens, a ponto de podermos afirmar que o futuro da comunicação só pode ser digital e virtual.

Através da inteligência espacial de Dom Bosco, vista como um todo, podemos aprofundar um diálogo baseado em novas abordagens culturais, como a psicologia, a educação, as neurociências e as novas tecnologias.

O esforço de todos os dias de milhares de estudiosos e pesquisadores empenhados em diversos campos de estudo e que contam com testes de laboratório nos

campos da medicina, da psicologia, da inteligência artificial, da biotecnologia e da nanotecnologia são o primeiro e mais evidente testemunho de um mundo em transformação, no qual somos constantemente desafiados a repensar a nossa maneira de vivenciar e perceber a realidade que nos rodeia.

Embora as ciências ainda não tenham respondido satisfatoriamente aos grandes problemas humanos, sociais, econômicos e éticos, elas permitiram-nos navegar pelo universo como com uma bússola, que nos proporcionou certo nível de segurança. O grande desafio do diálogo entre religião e ciência continuará a ser um caminho indispensável para o presente e o futuro.

O presente e o futuro no campo da comunicação exigem que tenhamos uma grande consciência e criemos e pratiquemos com grande responsabilidade uma ética no mundo digital e da inteligência artificial; somente assim será possível enfrentar a tecnologia da comunicação no contexto sociopolítico, econômico e cultural.

Nesta visão ética, em todos os países do mundo, os direitos da pessoa humana e seus bens primários devem ser colocados em primeiro lugar: comer, ter educação, ser incluído digitalmente. São essas as condições indispensáveis para viver uma condição econômica justa e digna.

À luz da prática educativa de Dom Bosco, este modo de ver a comunicação apresenta-nos o dom

e a responsabilidade de construir a família humana, no respeito da diversidade cultural, do diálogo inter-religioso e para a promoção da paz.

A busca de Deus é um dom para todas as pessoas. Viver a espiritualidade e praticar a religião de maneira aberta, fraterna e solidária é um caminho fundamental para cada um de nós. Educar e evangelizar os jovens de hoje é uma missão e um modelo que Dom Bosco nos ensinou e que deve ser seguido em todos os lugares.

Como nós, cristãos, nos posicionamos diante dos valores do Evangelho e do Sistema Preventivo de Dom Bosco num mundo de mudanças rápidas e imprevisíveis? Ele soube educar os seus jovens, de maneira inteligente e criativa, num contexto socio-político e comunicativo marcado por novos desafios e oportunidades. Fez a opção pela educação porque sabia que ela oferece à pessoa a possibilidade de ser protagonista da própria vida, consciente da realidade e corresponsável na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Hoje, o contexto digital oferece-nos ainda maiores possibilidades como, por exemplo, dialogar e conviver com a inteligência artificial e outras tecnologias que, num futuro próximo, farão parte da nossa vida e da vida dos jovens, sem esquecer que o mundo digital não é, de forma alguma, um terreno neutro (A. D. Talia, 2018). Por isso, o nosso trabalho educativo pelas crianças, pelos adolescentes e

jovens tem como foco criar uma mentalidade crítica e torná-los protagonistas da própria vida, mesmo no mundo digital, porque a relação com o digital será a base da educação futura.

Caminheemos, então, com Dom Bosco, sempre ao lado dos jovens e com os tempos!

BIBLIOGRAFIA

A. Bozzolo. *Esperienza Spirituale e Sapienza Educativa*. I sogni di Don Bosco. Roma: LAS, 2017.

A. Cuddy, Presence. *Bringing your boldest self to your biggest challenges*. New York: Little Brown and Company, 2015.

A. Damasio. *Descarte's Error: emotion, reason, and the brain*. New York: Grosset/Putnam, 1994.

A. J. Lenti. *Don Bosco, Storia e Spirito*, vol. 1. Roma: LAS, 2017.

Censis. *I Media e la Costruzione dell'identità*. Sedicesimo Rapporto sulla Comunicazione. Milano: Franco Angeli, 2020.

D. Gooleman. *Emotional Intelligence*. New York: Bantam Books, 1995.

D. Talia. *La società calcolabile e i big data. Algoritmi e persone nel mondo digitale*. Catanzaro: Rubbettino, 2018.

Direzione Generale delle Opere Salesiane. *Lettere circolari di Don Paolo Albera ai Salesiani*. Torino, 1921.

E. Ceria. *Memorie Biografiche di S. Giovanni Bosco*. Vol. XVI. Torino, SEI 1935.

F. Biocca. Immersive virtual reality technology. In: F. Biocca, R. M. LEVY, (ed.). *Communication in the age of virtual reality* (p. 57-124), N. J. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 1993.

G. B. Bosco. *Memorie dell'Oratorio dal 1815 al 1855*. Roma: LAS, 2011.

G. B. Francesia. *Autobiografia, Copia dattiloscritta*. Archivio Salesiano, n. c.

G. Soldà. *Don Bosco nella Fotografia dell'800 (1861-1888)*. Torino, SEI, 1987.

H. Gardner. *Multiple Intelligences: the theory in practice*. New York: Basic Books, 1982.

P. Braido. *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*. Vol. I e II. Roma: LAS, 2003.

P. Braido. *Prevenire non reprimere. Il sistema educativo di don Bosco*. Roma: LAS, 1999.

P. Brocardo. *Don Bosco. Profondamente uomo profondamente santo*. Roma: LAS, 2001.

P. Dal Ben. *Nuovi Media e Identità Digitale*. Rimini: Pazzini, 2022.

P. J. Gersmehl; C. A. Gersmehl. Spatial Thinking by Young Children: Neurology Evidence for Early Development and "Educability". *Journal of Geography*: 106:5, 181-191. New York: Hunter College, 2007.

P. Stella. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. 1. Roma: LAS, 1969.

R. L. Gregory. *Eye and Brain, the psychology of seeing*. New York-Toronto: MC Graw-Hill Book Company, 1970.

S. F. Gregory; V. Colman. *The senses in communication*. Newbury Park: Sage, 1995.

Dom Bosco viveu em um tempo no qual a realidade virtual realmente não existia, mas a sua prática educativa e espiritual contém algumas intuições extremamente iluminadoras e atuais. Este livro propõe um aprofundamento para responder a algumas questões: como relacionar o tema do virtual e a prática educativa de Dom Bosco? Como habitar o mundo virtual? Como educar e evangelizar os jovens? É importante recuperar as intuições de Dom Bosco em relação à comunicação do seu tempo, como a interatividade, a relação humana, o ambiente educativo e a linguagem comunicativa.

Gildásio Mendes dos Santos é sacerdote salesiano, nascido em Conceição da Barra, Espírito Santo, Brasil. Estudou Filosofia e Teologia em São Paulo e Comunicação Social em Roma. Obteve o mestrado e o doutorado no Departamento de Telecomunicação da Michigan State University e da Wayne State University, Michigan, EUA. É autor de 23 livros em português, inglês e italiano e de artigos científicos; é docente e pesquisador na área de Mídias Digitais – redes e interações humanas; e estudioso e pesquisador em Relações Humanas.

Em 2020, foi eleito conselheiro mundial para a Comunicação Social dos salesianos. Atualmente, reside em Roma, junto à Sede da Congregação Salesiana.



10.02.000164

editora
edebê

ISBN 978-65-5885-494-4



9 786558 854944